

# Uma Presença Anônima<sup>1</sup>

“A voz é livre, livre para ser outra coisa que não substância”  
J. Lacan “la troisième”

## O segredo mais secreto: o “ex-timo”

Um filme e um livro recentes<sup>2</sup> sobre o testemunho de treze alunos de Lacan de origem e período diferentes mostram a que ponto sua presença sabia fazer surgir uma certa presença nele que o entendia e que ele entendia, tal o alcance do horizonte, na minha opinião, de ler e entender Lacan.

Nessa perspectiva, proponho-me a tentar transmitir o saber desse encontro que não é evidente, visto que não põe em realce a significação mais ou menos clara dos comentários. Inapreensível, ele é posto em continuidade simbólica o mais exterior do íntimo do sujeito e com o mais interior da exterioridade do Outro. Para nomear o mais secreto dos segredos humanos, Lacan a apela ao gênio da língua criando um neologismo: “*ex-time*”.<sup>3</sup>

Na medida em que a transferência pode autorizar seu aparecimento, parto do testemunho de Elise. Em seguida, será possível supor o que fez com que Lacan, em posição de autor como Outro, pudesse autorizar o autor em perspectiva que é o sujeito do inconsciente do entendedor e do leitor daquilo que disse e escreveu.

## Um encontro que a cada vez leva a um novo mundo

Por volta dos trinta anos de idade, Elise vem se consultar por anorexia. Assim que se põe a falar, ela associa □ com base naquilo que de sofre em sua relação com o outro □ seu sintoma autêntico, que é significado sempre da mesma forma: “qualquer coisa aparece desde que eu esteja na presença de alguém e não posso mais abri-la, fico como que paralisada pelo peso desse olhar que me atravessa”. Ela acrescenta que seu sofrimento está menos ligado ao próprio fato do que à sua repetição imutável: “Já sei que vou corar, que as idéias, sempre as mesmas, vão me dizer que não valho nada, que sou burra e, sobretudo, que isso não mudará jamais”.

---

<sup>1</sup> Escrito a partir de uma exposição intitulada “Lacan, o Ausente, Lacan, o Ídolo”, quando do colóquio da Convergência “Ler e entender Lacan, a questão do desejo”, em Paris, dias 26 e 27 de janeiro de 2002. Este texto leva em conta os elementos de discussão, notadamente a contribuição de M-C Labadie como debatedora que soube reconhecer e insistir com muita pertinência a importância do movimento na transferência que não é estranho aos desenvolvimentos de Alain Didier-Weill com quem o autor atualizou uma transferência de trabalho por pelo menos quinze anos. São aqui relançadas pelo autor as intuições fecundas que o leitor pode encontrar, de sua autoria, em “Os três tempos da lei” (Paris, Seuil, 1995) e “Invocações” (Paris, Calmann-Lévy, 1998) □ ou pôde ouvir em seu seminário atual em Paris “Freud clássico”, Lacan barroco”.

<sup>2</sup> “Quartier Lacan”, filme realizado por Emil Weiss, e obra elaborada por Alain Didier-Weill, Emil Weiss e Florence Gravas.

<sup>3</sup> Com esse neologismo, Lacan contrapõe, em francês, *in-time* [“in-timo”, em português] a *ex-time* [“ex-timo”, que não existe em português]. Faz isso como se, na palavra íntimo, *in-* fosse prefixo que indica interior; em ex-timo, que existe nas virtualidades do sistema lingüístico, usa *ex-* como se fosse um prefixo que indica “fora de”, “exterior”. No texto, *ex-time* indica o encontro do exterior mais exterior possível com o mais íntimo interior, “*ex-time*”, em francês. Ou, como acima, o mais exterior do íntimo do sujeito e o mais interior da exterioridade do Outro. Ver, também, nota 17 do texto “O íntimo”. N.T.

O que o surpreende é que o mal-estar das significações que estão ali desaparece quando ela toca flauta como se o movimento que ela ouve no som entrasse nela e novamente desencadeasse o movimento interior que não percebia mais nela. Ela não retorna. O que será que faz com que a visita de “um eu não sei o quê”<sup>4</sup> possa levá-la cada vez a um novo mundo no qual ela percebe, de forma sempre nova, uma parte dela mesma até ali desconhecida?

O enigma é o surgimento “desta estrangeira”, que não lhe é tão estranha porque uma presença *íntima*, trazida imediatamente à existência, por “essa fugitiva” a cada vez lhe dirige sua saudação de reconhecimento. O que será que faz com que esse encontro deixado em segredo pelo peso das significações não seja mais possível? O que será este dom que não pede nada em troca? Qual será o segredo desta gratuidade?

Tais são as perguntas que a compelem a vir falar. Seu saber inconsciente será posto em ato na transferência no momento em que a interrupção do movimento que é a perda da palavra cessará, dado que o movimento pulsional surgirá para que ela tome a palavra autenticamente.

## Seu surgimento na transferência

Ainda que até então o real<sup>5</sup> do objeto olhar que paralisa era encontrado em todo interlocutor mas permanecia fora da transferência, de repente aí irrompe. Durante várias semanas, reduzida inteiramente ao que é visível por esse olhar que sabe tudo sobre ela e que não se ausenta<sup>6</sup>, ela não pode “abri-lo” durante as sessões. O real desencadeado do simbólico e do imaginário é causa dos sintomas: um *silêncio barulhento* reina, o corpo despojado da roupagem imaginária que preserva um certo alívio incógnito e privado do simbólico é reduzido ao real da massa que escolhe grosseiramente a cada sessão sobre o divã; a angústia está em cada encontro com ela mesma, bem como com o analista. O que será que poderia apaziguar esse mundo persecutório?

Um dia, *qualquer coisa*, comemorando a presença fugitiva que a visitava quando tocava flauta, é ouvida na voz do analista ao lhe dizer “bom-dia”. Imediatamente, o real do corpo posto novamente entre parênteses pelo som do simbólico, recupera sua leveza. Ela se percebe amável sob um *novo olhar*. Ela fala sem sentir necessidade de já saber por quê<sup>7</sup>.

Suponho que uma presença visitou o analista desde que entrevistou Elise e, sobretudo, que a função fálica, articulada ao verbo e o que ele nomeia dentro do qual o homem é □ todo □ inscrito, favoreceu essa surdez imediata. Inicialmente, ele não a ouviu<sup>8</sup>. Foi Elise que a precedeu, mais precisamente, o que nela ressalta do feminino<sup>9</sup> a ouviu sem saber o que ela ouviu porque ela não pode se lembrar desse *nunca ouvido*. O que Elisa passa como bom entendedor é que, se a voz é um misto composto de som e sentido, pode acontecer que o ascendente súbito do

---

<sup>4</sup> Para aproximar o espírito da origem de um movimento esperado pelas *Preciosas* nos salões parisienses no início do século XVII, mais especificamente no Hotel Rambouillet por Catherine de Vivonne, Marquesa de Rambouillet desde 1610: rapidamente, o espírito se rendeu ao maneirismo ridículo voltado para zombaria descrito por Molière nas *Preciosas ridículas*. Observemos que o espírito é ouvido, além do sentido, pelas mulheres, mais precisamente pela dimensão do feminino. Lacan, que disso teve a intuição, transmite essa passagem pelo enigmático “não-todo” do gozo feminino. Voltaremos a isso.

<sup>5</sup> Assim nomeamos, com Lacan, o desencadeamento do real, presença roubada pelo seu encarceramento no imaginário e no simbólico.

<sup>6</sup> Modo de definir o superego como presença que vigia, supervisiona. Assim, o superego impediria qualquer acesso ao dom simbólico que põe em jogo a falta de saber.

<sup>7</sup> Uma nova nodulação do real, do simbólico e do imaginário criado a partir do corpo falante. Trata-se de uma autêntica criação já que advém sem sintoma.

<sup>8</sup> Como observaram as *Preciosas*, ela é ouvida como inaudito no sentido daquilo que ultrapassa o verbo.

<sup>9</sup> Proponho o feminino como um saber para além da função fálica. Corresponde a uma parte feminina na mulher e no homem que pode se encarregar de um real que não pode ser ouvido além da audição do verbo da função fálica. Lacan chama este campo ilimitado de “não-todo” no sentido de que não ressalta o “todo” da função fálica e de seus limites. O feminino põe, assim, na direção do ilimitado que é a significância.

som e de sua música sobre a significação faça ouvir a existência de uma presença ouvida por outra presença<sup>10</sup> nesse momento secreto do *ex-timo*. Decididamente, esse “bom-dia” que a voz do analista trouxe no momento ultrapassa os limites fixados e conduz a uma nova transferência que põe em jogo, além dos limites da significação, o campo ilimitado da significância.

## Suscita uma nova transferência no tempo e no espaço

Ainda que o superego fizesse ouvir sua voz de mestre absoluto das significações, repentinamente “a voz está livre, livre para fazer ouvir outra coisa que não a substância” (*La troisième*, 01/11/1974), fazendo repercutir o som do real ilimitado da significância. Tão logo despertado por este apelo do inaudito, o receptor interior que ela é nesse momento se volta em direção do exterior e descobre, como novo sujeito, um novo espaço visível *jamais* visto de onde *um novo olhar* é trazido com ela. O que será que o movimento ouvido na música revela à Elise sobre a voz do analista?

Uma nova transferência no tempo e no espaço que a faz passar do mundo *já* conhecido e *já* ouvido da aparência onde ela estava paralisada sendo isso ou aquilo para o Outro ao mundo *nunca* ouvido e *nunca* visto no qual o Outro brilha por ela por sua ausência: ela “**faz-se**” ouvir e “**faz-se**” ver no universo do mundo. É o terceiro tempo da pulsão, o do “surgimento de um novo sujeito”<sup>11</sup> para Freud que Lacan interpreta como “ele é novo por ver surgir um sujeito”<sup>12</sup>.

O que é espantoso para o superego é que o movimento próprio à música tenha podido habitar o corpo de analista apesar de sua vigilância e transformar sua voz em substituto do Outro que representa um objeto constituído como perdido para Outro.

Suponho que esse movimento de tomar a palavra seja suscitado pelo analista por meio do apelo da pulsão invocante em resposta a uma certa angústia. Seu objetivo é de dar continuidade ao mais exterior do Outro e ao mais íntimo do Sujeito. Promovida por Lacan em 4 de março de 1964 à “experiência mais próxima do inconsciente”<sup>13</sup>, a pulsão invocante efetua o que o superego interditava, a passagem do receptor ao emissor<sup>14</sup> que faz passar a paralisia da clivagem entre o objeto olhar que imobiliza e a voz que deixa de supor pelo único significado na modulação da pulsão escópica e da pulsão invocante.

Como dar conta, estruturalmente, desta nova passagem do real do objeto ao movimento pulsional que não destitui nenhum evento histórico?

## O espírito passador da significância

Em 9 de dezembro de 1959, quando aborda em sua *Ética da psicanálise* esse tempo do “Outro primordial”, Outro como *das Ding, Coisa humana*, cuja súbita presença “arrisca, de um só golpe, nos surpreender e nos precipitar do alto de sua aparição”, Lacan nomeia “Tu de devoção” [*Toi de dévotion*], o receptor do apelo do Outro e estabelece que “há nele a tentação de aprisionar o Outro”.

Como observamos, tão logo nomeado pelo Outro que se ausenta desde que ele a invocou<sup>15</sup>, essa segunda pessoa diz “sim”<sup>16</sup> a este Outro que o trouxe à existência e se consagra

<sup>10</sup> Voltaremos a esse ponto a partir do que Lacan nomeia “Tu de devoção” [*Toi de dévotion*].

<sup>11</sup> S. Freud. “Pulsion et destin des pulsions”, *Métapsychologie*, p. 29.

<sup>12</sup> J. Lacan, *Séminaire XI*, “Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse”, Seuil, p. 162.

<sup>13</sup> J. Lacan, *Séminaire XI*, “Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse”, Seuil, p. 96.

<sup>14</sup> Trata-se da inversão da mensagem inconsciente segundo a fórmula enigmática de Lacan: “o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida”.

<sup>15</sup> Isso é próprio do caráter simbólico da nomeação.

<sup>16</sup> Trata-se do “sim” trazido ao dom significante, *Bejahung*, de que fala Freud em 1925 na “Denegação”.

□ como criatura separada simbolicamente do criador<sup>17</sup> pela ausência deste último □ à passagem do “Tu”, como “Tu” em relação ao “Eu” que deve advir segundo a inversão da mensagem descrita pelo movimento pulsional.

O problema é que essa passagem põe em jogo o real inapreensível que só pode se encarregar disso por um passador, o espírito, cuja importância Freud demonstrou com o chiste. Terceira pessoa que não está associada a nenhum patronímico, o espírito habita o campo ilimitado da significância que o torna audível pela música do som, como Elise a ouviu.

Os primeiros traços do Outro para o sujeito a advir seriam o efeito de uma exposição primordial ao mundo do sonoro. O Outro primordial transmitiria, antes de qualquer significação, pelos desvios musicais, o ritmo e a articulação das consonâncias e das dissonâncias encontradas na voz humana, a da mãe, a existência de uma lei simbólica, metáfora paterna originária. O significante Nome-do-Pai que lhe é o operador estaria sempre pronto para sair de seu refúgio se um receptor inaudito ouve o apelo da pulsão invocante quando o real, caído do simbólico e do imaginário, retoma seu peso.

Mas, que diabo! Será que ler e entender Lacan é se encarregar do originário que ele mesmo nomeou ou livrar-se dele?

## Ler e entender Lacan, a questão do desejo

Por um lado, o tempo primordial do Outro não é evidente porque escapa ao pensamento; por outro, porque não poderia ser encontrado senão nas séries de desaparecimento do saber que ali já está, saber na ascendência imaginária que Lacan nomeia “anti-saber” no sentido de “anti-inconsciente”, em 15/02/1977. Como supor isso com Freud e Lacan?

Por meio de seu adágio “Lá onde isso estava o Sujeito deve advir”, Freud parte do recalco secundário para que advenha o Sujeito numa continuidade ente o inconsciente constituído como memória inconsciente e o Sujeito.

Lacan coloca a direção do tempo originário antes da palavra esquecida pelo recalque originário e, entretanto, inesquecível. Para Lacan, a descontinuidade é a passagem por um furo originário no qual o real insiste que conduz ao Sujeito como criação. Como o chiste mostra, é o desaparecimento do pensamento no tempo da sideração que conduz à luz.

Será por essa razão que Freud não cessou de propor a estrutura do chiste como referência estrutural da transferência porquanto o movimento do chiste autoriza um novo liame entre o Outro como autor que se ausenta e o Sujeito como autor a advir nesse tempo intermediário de elaboração inconsciente? Seria assim que Lacan tornaria compreensível que o sopro do espírito é a única presença que pode se encarregar da insistência do real criada e revelada no tempo da sideração?

Com efeito, o real que é a *Coisa humana* pode ser a melhor e a pior *Coisa* para o humano, conforme ele conduza ao gozo da significação sobre a significância.

Quando do fechamento do congresso da EFP em 1978, Lacan insiste, *Encore*<sup>18</sup>, novamente, na ascendência da significância sobre a significação pelo desvio do Significante da falta no Outro, S (A barrado), que ele propõe como a escritura que encontrou, ele Lacan, para dar conta do modo singular pelo qual “cada psicanalista reinventa a forma pela qual a psicanálise pode durar”.

Suponho que ele, segundo sua forma enigmática habitual, fez ouvir para cada analista que o passador é o espírito que só poderia se autorizar por si mesmo porque ele não precede nem do pai nem do filho como no dogma cristão da Santíssima Trindade.

<sup>17</sup> Modo de evocar o tipo de “gozo-sentido” [*jouïe-sens*] que pode ligar ao separar pai e filho.

<sup>18</sup> J. Lacan, *Le Séminaire*, livro XX, Seuil, 1975.

## **Três questões para instigar...**

Será que Lacan esperava trabalhar, por meio do procedimento do passe baseado na estrutura do chiste, o movimento para que haja o analista? Será que a importância da psicanálise como disciplina laica estaria, para ele, no sopro livre de um espírito laico, desprendido da tradição cristã na qual ele procede do pai e do filho? Será que a comunidade analítica teria transmitido, fixada institucionalmente por suas regras sobre os patronímicos do pai e do filho, por ausência, a importância da presença anônima do espírito?

Montbéliard, março de 2002

Jean CHARMOILLE